[Recensão a] Jaime Siles, Epigrafia Hispanica — Léxico de Inscripciones Ibéricas

Autor(es): D'Encarnação, José

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/45624>

DOI: DOI:https://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_25_18

Accessed : 26-Apr-2023 11:09:50

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XXV

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1986

risticas dos quatro elementos — ar, água, terra e trabalho — como diz Paládio), para descrever depois «as esferas de actividades nos assentamentos rurais romanos» (p. 88-103), «a produção agrária» (p. 103-108), «proprietários, servos e colonos» (p. 108-119) e terminar com uma panorâmica sobre a introdução do Cristianismo (p. 119-126) que, em seu entender, poucas ou nenhuma transformações acarretou à vida agrária:

«O Cristianismo — escreve E. Cerrillo — não quebrará os moldes tradicionais do campo, já que precisamente os três produtos básicos do cultivo — trigo, vinha e oliveira — serão, até certo ponto, sacralizados mediante a sua utilização simbólica como pão e vinho na missa e óleos para as unções» (p. 124).

Livro de bolso, *La vida rural romana en Extremadura* é ilustrado com desenhos elucidativos e o Autor utiliza muitas vezes as páginas da direita para incluir (em lugar das notas infrapaginais) textos referentes aos temas em análise, boa parte deles retirados dos agrónomos latinos. Cumpre, pois, em nosso entender, a finalidade que se propôs: apresentar uma primeira síntese acerca das questões levantadas pela agricultura peninsular ao tempo dos Romanos. Não respondendo — porque não era essa, aliás, a intenção — à problemática teórica em tempos sistematizada por Jorge Alarcão para uma zona, o Alentejo, bastante semelhante à Estremadura espanhola (*Sobre a economia rural do Alentejo na época romana*, «Conimbriga», XV, 1976, p. 5-44), resposta que, de resto, só a escavação total e sistemática de uma *villa* pode fornecer — como esperamos venha a fornecer a que se levou a efeito em S. Cucufate (Vidigueira) — o Autor soube evitar a tentação (assaz frequente) de acumular dados sobre dados, para privilegiar a reflexão globalizante que leva em linha de conta não somente os testemunhos arqueológicos mas que, ao invés, os interpreta à luz dos dados antropológicos e etnográficos — para uma verdadeira etnoarqueologia da vida rural (cap. IV — p. 129-135).

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

Jaime SILES, *Epigrafia Hispanica — Léxico de Inscripciones Ibéricas*. Ministério de Cultura, Madrid, 1985, 437 p.

Na Introdução, preconiza Jaime Siles a transformação da filologia clássica numa filologia clássica peninsular, cujos objectivos seriam: a decifração e caracterização das escritas tartéssicas e bástulo-turdetanas, do alfabeto grego-ibérico, do celtibérico, do alfabeto monetário «líbio-fenício» e da língua lusitana. Interessaria, ainda, considerar a integração do aquitano no contexto linguístico peninsular, «delimitar as áreas linguísticas à luz das fontes clássicas e dos documentos epigráficos e monetários». Por fim, numa perspectiva globalizante, tais análises deverão inserir-se nos estudos, de carácter mais amplo, de onomástica.

Conimbriga, 25 (1986), 227-251

Sobre todos estes temas já se fizeram inúmeros estudos — e J. Siles cita os investigadores que, na esteira de Tovar, a eles se dedicaram. A tarefa é, agora, a de se proceder à análise crítica de toda a bibliografia, de forma a poder sistematizar os dados adquiridos, numa desejável interdisciplinaridade.

Por sua parte, o Autor limitou-se, por agora, a fazer o ponto da situação acerca do léxico das inscrições ibéricas.

J. Siles reúne, neste volume, por ordem alfabética, as palavras indígenas registadas em documentos peninsulares, à excepção das que figuram nos textos tartéssicos e bástulo-turdetanos (ainda por decifrar). Trata-se, como diz, de uma espécie de «*corpus* de emergência», onde se têm em conta, como é óbvio, não só os aspectos propriamente linguísticos como também o contexto arqueológico do achado e as características específicas do objecto em que foi gravada a inscrição.

Desta sorte, J. Siles apresenta, de cada monumento, as seguintes informações: gravura da inscrição em alfabeto indígena e sua transcrição; local de achamento, tipologia do objecto e paradeiro actual; assinalam-se e comentam-se, finalmente, as variantes de leitura e de interpretação dadas por diferentes autores.

Embora publicado em 1985, este Léxico apenas reúne os materiais linguísticos ibéricos conhecidos até 1976, data em que S. Siles completou a sua investigação — pelo que não será de estranhar não haver referências à bibliografia saída a lume depois. Ocorre, por conseguinte, perguntar se tão longo intervalo, de quase dez anos, quando se perspectiva para breve a publicação completa dos *Monumenta Linguarum Hispanicarum* a cargo de J. Untermann, não terá, de certo modo, inutilizado este volume. Pensamos que não: os objectivos das duas publicações complementam-se, não se excluem. A obra de Untermann, mais complexa, é um *corpus*; J. Siles apresenta-nos, com clareza, um léxico de 1805 vocábulos de muito fácil consulta, espécie de imprescindível vade-mécum para o linguista. Não menos útil é, também, a exaustiva bibliografia, por autores, incluída no final do volume.

Deixamos, naturalmente, aos linguistas a discussão específica sobre a metodologia adoptada para a transcrição e sobre a correcção das leituras feitas. Para o epigrafista, este léxico pode servir de excelente termo de comparação na análise da onomástica de raiz pré-romana peninsular. O arqueólogo terá, por enquanto, uma certa dificuldade no manuseamento destes dados: para ele importa, sobretudo, o contexto dos achados, o suporte das inscrições — bastaria ter-se incluído um índice toponímico e, porventura, um outro desses suportes (selos, chumbos, estelas, pesos...) para mais facilmente se alargar à Arqueologia o interesse deste trabalho.

Realçamos, finalmente, a sugestão de sempre se ter em conta o que J. Siles designa por «os três contextos», ou seja, a necessidade de a análise linguística ser cada vez mais complementada com a descrição correcta do objecto epigrafado e a anotação pormenorizada das circunstâncias do seu

achamento. Esse cotejo minucioso da problemática arqueológica com os dados epigráficos e a análise linguística é, seguramente, uma das vias mais fecundas que hoje se abre à investigação sobre o passado pré-romano peninsular. J. Siles reuniu, neste léxico, com muita oportunidade, os elementos linguísticos disponíveis; os dados da onomástica foram periodicamente apresentados pela saudosa Maria de Lourdes Albertos e continuarão a sê-lo, decerto, pelos epigrafistas peninsulares; faltam-nos, por enquanto, as sínteses arqueológicas — mas as perspectivas são, de facto, animadoras.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

Rafael LÁZARO PÉREZ, *Inscripciones romanas de Almería*, ed. Gajal, Almería, 1980, 122 p.-f 37 lám.

Rafael Lázaro, do Colégio Universitário de Almería, reuniu, neste pequeno livro, todas as inscrições romanas encontradas, até à data, na actual província espanhola de Almería que, como se sabe, reúne administrativamente, hoje em dia, territórios que pertenceram outrora a duas antigas províncias hispânicas: a Bética e a Tarraconense; já na primeira divisão administrativa romana da ílispânia (198 a.C.) o território da actual província de Almería era partilhado pela Citerior e pela Ulterior, feita a separação pelo curso do rio Almanzora. Esta característica de zona de fronteira administrativa teve sem dúvida implicações significativas na implantação urbana que se verificou no período romano — duma forma geral, parece que contribuiu para acentuar a tendência de romanização intensiva do povoamento pré-romano, originalmente íbero-púnico, que sobrevivera aos conflitos militares anteriores, *versus* à criação de novos centros urbanos, com excepção para uma ou outra *mansio* no traçado novo da rede viária da região; assim pertenciam ao *conventus gaditanus* (Bética), Abdera, Turaniana, Murgi, Vergi e Abla, e ao *conventus earthaginensis* (Tarraconense) Urci, Baria, Morum e Tagil (p. 16-17).

Rafael Lázaro reúne e inventaria um total de 65 inscrições, das quais 18 são inéditas e cujo achamento se deve, em grande parte, a uma intensa e rigorosa pesquisa de campo. O bom critério de edição das inscrições claudica, quanto a nós, pela tentativa de reprodução da *ordinatio* do texto (que origina a asneira gráfica, por exemplo, de *CIL*, II, 1996, v. p. 57) e pelo mau gosto da escolha de caracteres normandos para a apresentação dos textos. Pequenas gralhas tipográficas (p. 40), pequenas inseguranças nas leituras alternativas (p. 49), uma ou outra omissão na transcrição epigráfica (p. 52, 56, 71) são defeitos que o autor facilmente corrigirá numa futura reedição deste utilíssimo *corpus* provincial de Almería, certamente enriquecido com as novas inscrições entretanto descobertas e ao qual não faltará então, como agora sucede, um mapa de localização do sítio de achado das epígrafes. Queremos